

A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DO ENSINO E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO REALIZADO NO COLÉGIO ESTADUAL ESTELA GUIMARÃES LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE TAPEROÁ-BA

Eixo Temático 04: Conhecimento e Práticas Escolares

Rafael Conceição dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/CAMPUS XV
rafael17_discipulo@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo tem por finalidade, realizar um breve estudo sobre as contribuições da afetividade no processo do ensino-aprendizagem, sendo os objetivos específicos: analisar como acontece o jogo afetivo nas relações do professor e aluno; analisar as ações afetivas que facilitam ou dificultam na aprendizagem; perceber como as relações afetivas produzem um ambiente favorável a aprendizagem. Para o aprofundamento teórico da pesquisa, utilizou-se os estudos realizados por: ANDRADE (2014), ALMEIDA (1999), BECKER (2003), DAVIS; OLIVEIRA (2010), que abordam em seus estudos sobre a afetividade e suas contribuições na educação. O universo escolhido para a realização da pesquisa, foi o Colégio Estadual Estela Aleluia Guimarães CEEAG, localizado no município de Taperoá-Ba, sendo escolhido a turma do primeiro ano do ensino médio do turno matutino. Com a finalidade de alcançar os objetivos traçados de forma coerente e precisa, para organização e análise dos resultados, utilizou-se como instrumento de coleta de dados a aplicação de um questionário, sendo esta pesquisa de caráter qualitativo, utilizando como método de pesquisa a observação participante. Destarte o presente trabalho apresentou resultados satisfatórios, sobre as contribuições da afetividade na educação.

Palavras-Chave: Afetividade; Ensino; Aprendizagem.

Introdução

Quando pensamos em afetividade, logo nos remetemos aos processos emocionais, cognitivos, sentimentais e motores, vivenciados pelo sujeito, como ser ativo na construção de sua história enquanto ser social. Enquanto seres humanos com capacidades racionais e intelectuais, todo mundo é dotado de emoções, sentimentos e afetividade. A criança desde a gestação no ventre da mãe, já vivencia experiências afetivas e emocionais, que são estimuladas por ações de amor a carinho da pessoa que está a gerar. Sendo assim a vida humana é norteadada por sentimento e emoções afetivas, que direcionam e dão sentido à vida. O mesmo ocorre no processo do ensino-aprendizagem, onde o professor assim como o aluno, vivenciam em suas relações, cargas afetivas que podem vir a possibilitar um ambiente positivo, para desenvolver um espaço de ensino-aprendizagem significativo.

Falar de afetividade é falar da emoção. Mas como pode ser definida a afetividade? Conforme (DAVIS; OLIVEIRA, 2010 p. 105-106) “é a energia necessária para que a estrutura cognitiva possua a operar [...] permite ao indivíduo construir noções sobre os objetos, as pessoas e as situações, conferindo-lhes atributos, qualidades e valores”.

Este artigo é fruto de inquietações levantadas, sobre as possibilidades e contribuições da afetividade no processo ensino-aprendizagem. Assim esta pesquisa tem por norte responder a pergunta de partida: de quais formas a afetividade pode influenciar no processo de aquisição do conhecimento? E como a postura do professor contribui para facilitar ou dificultar, no processo da aprendizagem? E o que buscará responder ou chegar a uma hipótese, ao longo das discussões presente neste trabalho.

O universo escolhido para a realização da pesquisa, foi o Colégio Estadual Estela Aleluia Guimarães CEEAG, localizado no município de Taperoá-Ba. Sendo escolhida a turma do primeiro ano do ensino médio do turno matutino, os alunos com a faixa etária entre quatorze a dezesseis anos. Assim esta pesquisa tem por característica, uma abordagem qualitativa, assim a abordagem qualitativa não se baseia somente nos dados numéricos, mas leva em conta as singularidades e subjetividades dos sujeitos. A abordagem metodológica fundamentou-se na observação participante, utilizando como recurso de coletas de dados, a utilização do instrumento do questionário.

Pensando na premissa de facilitar a compreensão do leitor, este artigo foi dividido em etapas. O primeiro ponto, aborda sobre a relação professor aluno no jogo das emoções, seguindo a metodologia, discussão dos dados da pesquisa, considerações finais e as referências utilizadas.

A relação professor aluno no jogo das emoções

Para iniciarmos essa discussão, que pretende realizar uma breve abordagem sobre as relações afetivas que envolve professores e alunos, no universo das emoções inseridos no processo da educação, Davis; Oliveira (2010, p. 106) mostra que:

Na interação que o professor e aluno estabelecem na escola, os fatores afetivos e cognitivos de ambos exercem influência decisiva. Na interação, cada parceiro busca o atendimento de alguns dos seus desejos: de proteção de subordinação, de realização etc. Por meio dela, tanto os alunos quanto o professor vão construindo imagens do seu interlocutor, atribuindo-lhes determinadas características, intenções e significados. Cria-se, assim uma

rede de expectativas recíprocas entre professor e alunos, que pode ser ou não harmoniosa.

As relações humanas são fundamentadas no jogo das emoções. Sendo assim não seria diferente nas relações de convívio entre professores e alunos. Nesta relação, está inserido um jogo de significados, representações, emoções e realizações afetivas, que são projetadas no outro, como agente condicionante, da realização do desejo, que cada ser envolvido no processo da educação carrega em si, ou seja o professor projeta no aluno a figura que ele deseja que o aluno ele se torne, baseado em sua visão e significados. Não diferente disso o aluno projeta na figura do professor, aquele que vai direcionar e nortear a sua aprendizagem, depositando neste suas emoções e realizações.

Percebe-se assim que existe um entrelaçamento de emoções afetivas, projeções de figuras e papéis. A afetividade também se torna controladora dos papéis que cada um desempenha nesse processo, passando pelo sentido moral do sujeito que também regula as suas emotividades, como forma de controle das ações que regulam e norteiam as relações. Para melhor compreender esse jogo de controle das relações afetivas, que envolvem os sujeitos, Davis; Oliveira (2010, p. 106) diz que:

O afeto é, por outro lado, um regulador da ação, influenciando na escolha de objetivos específicos e na valorização de determinados elementos, eventos ou situações pelo indivíduo. Dessa forma, amor, ódio, tristeza, alegria ou medo levam o indivíduo a procurar – certas pessoas ou experiências. O afeto também inclui expressividade, comunicação. Manifestações tais como sorrisos, gritos, lágrimas, um olhar e um rosto apáticos, uma boca fechada e sobrancelhas cerradas indicam possíveis sentimentos de uma pessoa.

Compreende-se então que todas as relações de aprendizagem até mesmo aquelas tidos pelos professores como desagradáveis, estão carregadas de significações, emoções e afetividade. É importante portanto, compreender que o processo afetivo na relação do professor e aluno nem sempre será harmoniosa, ou que a afetividade só acontece no momento em que exista uma relação recíproca de troca de sensações de prazeres e satisfações de ambos os lados envolvidos. Ou seja cabe ao professor saber mediar e compreender essas situações, que por muitas vezes, pode parecer descontroladas, sendo caracterizadas como rebeldia, ou desobediência do aluno, quando pode ser simplesmente a falta de uma relação afetiva, que compreenda e direcione de forma correta, as ações do sujeito.

O que se deseja é que se desenvolva uma relação de reciprocidade de todos os sujeitos envolvidos no processo, da formação da identidade do sujeito inserido, ou seja da criança.

Havendo assim, uma ação de cooperação de ambas as partes, tanto da escola e principalmente da família.

Metodologia

Com a finalidade de alcançar os objetivos traçados de forma coerente e precisa, para organização e análise dos dados, realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo, que segundo Boaventura (2011, p. 56) “caracterizam a investigação qualitativa como fonte direta de dados no ambiente natural [...] é uma pesquisa descritiva em que os investigadores, interessando-se mais pelo processo do que pelo resultados”. Para Cordova; Silveira (2009, p. 32): “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” Conclui-se que pesquisa qualitativa não se baseia somente em dados numéricos, mas leva em conta a singularidade e subjetividade do sujeito.

O universo escolhido para a realização da pesquisa, foi o Colégio Estadual Estela Aleluia Guimarães CEEAG. Localizado no município de Taperoá-Ba. A turma do primeiro ano do ensino médio do turno matutino foi a que apresentou mais viabilidade para realização da pesquisa pelo fato de serem alunos maiores, o que possibilitou uma interpretação mais objetiva correspondente aos métodos de análise. Os colaboradores da pesquisa foram do sexo masculino e feminino, apresentando faixa etária de quatorze a dezesseis anos, sendo o total de quarenta estudantes.

A abordagem metodológica utilizada nesse trabalho fundamenta-se na observação participante. (MATTOS, 2002, p. 52) “pode ser conceituada como uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informal e análise documental”. O instrumento escolhido para a coleta de dados, que mais correspondeu a necessidade da pesquisa foi o instrumento do questionário. Que segundo (GIL, 1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Assim a opção pelo Questionário deu-se pela facilidade que ele proporciona para coletar os dados.

Resultados e discussões

Antes de iniciar a abordagem sobre as discussões e os resultados desta pesquisa, sentiu-se a necessidade de conceituar primeiro, o que seria a aprendizagem.

A aprendizagem é o processo por meio da qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece. Para que a criança aprenda, ela necessitará interagir com outros seres humanos, especialmente com os adultos e com outras crianças mais experientes. Nas inúmeras interações em que se envolva desde o nascimento, a criança vai gradativamente ampliando suas formas de lidar com o mundo e vai construindo significados da linguagem, esses significados ganham maior abrangência, da parte do grupo social. A linguagem, além disso, irá integrar-se ao pensamento, formando uma importante base sobre a qual se desenvolverá o funcionamento intelectual. (DAVIS; OLIVEIRA, 2010, p. 260).

Na visão de Davis; Oliveira (2010), a aprendizagem da criança acontece através da interação com o meio adulto, onde ali serão transmitidos os códigos de conduta para que ela interaja socialmente com os outros seres humanos. Piaget define a aprendizagem humana como a construção de estruturas de assimilação, ou seja, aprender é construir estruturas de assimilação.

É a assimilação que me parece fundamental na aprendizagem, e que me parece a relação fundamental do ponto de vista das aplicações pedagógicas ou didáticas. Todas as minhas afirmações de hoje representam a criança e o sujeito da aprendizagem como ativos. Uma operação é uma atividade. A aprendizagem é possível apenas quando há uma assimilação ativa. É essa atividade de parte do sujeito que me parece omitida no esquema estímulo-resposta. A formulação que proponho coloca ênfase na idéia da autorregulação, na assimilação. Toda ênfase é colocada na atividade do próprio sujeito, e penso que sem essa atividade não há possível didática ou pedagogia que transforme significativamente o sujeito. (PIAGET, 1972, p. 53¹ apud BECKER, 2008, p. 64).

Em outras palavras, para Piaget (1972), aprende-se porque se age para conseguir algo e em segundo momento, para se apropriar dos mecanismos dessa ação primeira, aprende-se porque se age e não por que ensina. A fonte da aprendizagem é a ação do sujeito, ou seja, o indivíduo aprende por força das ações que ele mesmo pratica; ações que buscam êxito e ações que a partir do êxito obtido, buscam a verdade.

Dando sequência as discussões e análises, segue abaixo um conjunto de gráficos abordando os resultados obtidos nas questões, para apreciação do leitor.

¹ PIAGET, J. Development and learning. In: LAVATELLY, C. S. e STENDLER, F. *Reading inchild behavior and development*. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972a. (Tradução em:<http://www.ufrgs.br/faced/slomp/edu01136/piaget-d.htm>).

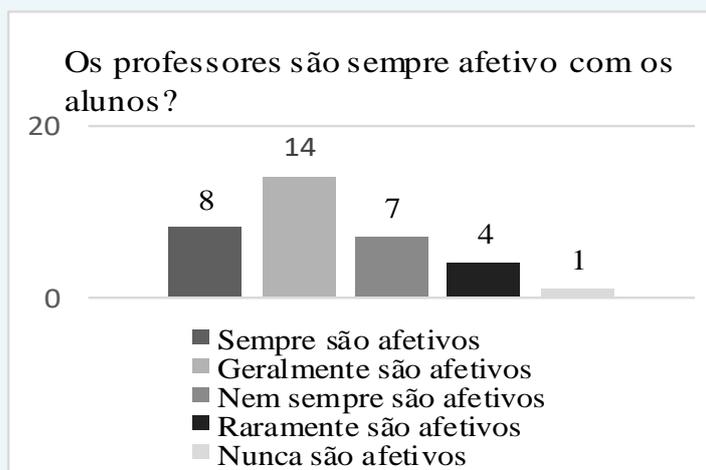


Gráfico: 01

Ao analisarmos os resultados das colunas acima, é notável que os professores possuem uma boa relação de afetividade com os estudantes da turma. Nessa premissa, percebe-se que às relações afetivas, contribuem de forma significativa, para a construção de um ambiente mais propenso à realização da aprendizagem, que leva em conta não somente a fixação dos conteúdos ensinados, mas todo o seu contexto que envolve a ação de aprender.

A pedagogia não é útil apenas para melhorar o ensino, mas principalmente, para formar um ser humano mais íntegro, sensível e capaz de evoluir na busca por seus objetivos. Portanto não são os conteúdos e as notas que devem ser a preocupação maior do professor. A pedagogia do afeto representa trabalhar em sala de aula com disposição para contribuir com a formação integral dos alunos, cultivando valores e estimulando autoconhecimento. (ANDRADE, 2014, p. 10)

Nesse sentido Para Andrade (2014) o fazer pedagógico do professor, tem que transpor para além da ação do ensinar os conteúdos programados ou definidos como as competências e as habilidades que devem ser desenvolvidas nos estudantes, mas, um ensino possa refletir em outras instancias da vida do educando. Ou seja uma prática que leve em conta os processos afetivos envolvidos no ato de aprender, gerando assim um autoconhecimento do próprio aluno de si mesmo, o que gerará pôr fim à valorização de sua autoestima.

De acordo com Becker (2008), à afetividade é assim, um elemento importante para que a aprendizagem se torne significativa para o sujeito, ou seja como afirma o autor se a aprendizagem não estiver pautada em uma base afetiva, será difícil desenvolver uma aprendizagem significativa para os sujeitos inseridos no processo. Para (ALMEIDA, 1999, p. 51) “a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas tem funções bem definidas e, interligadas, permitem à criança atingir níveis de

evolução cada vez mais elevados”. Analisando sobre essa ótica, ocorre assim um entrelaçamento entre o intelecto e o afetivo, gerando como resultado a construção da aprendizagem, assim cada pensamento constituído pelo sujeito, irá conter uma atitude ou carga afetiva. Ou seja primeiro acontece a produção do pensamento, para que impulsionado pela afetividade o sujeito venha a realizar as ações. Como afirma (BECKER, 2003, p. 20) “ela sempre tem um componente afetivo que a faz acontecer”.

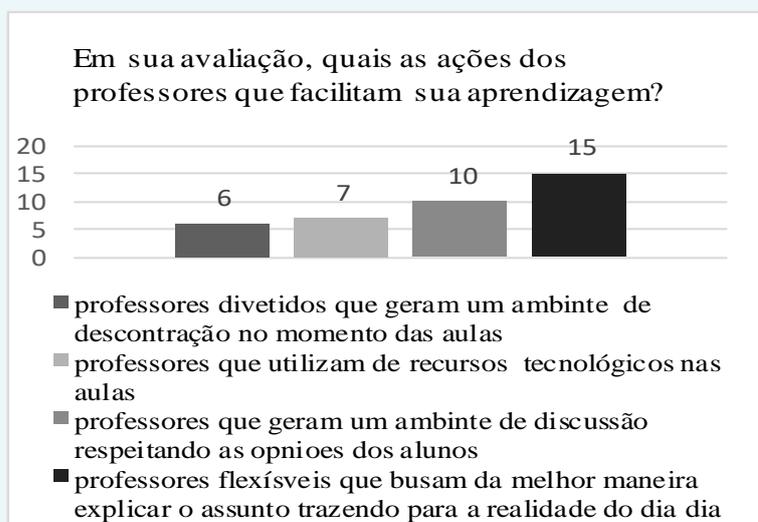


Gráfico: 02

Com a proposta de saber; quais os comportamentos dos professores que facilitam à aprendizagem, a opção que mais se destacou nas respostas apresentada na pesquisa foi a coluna 04, onde os alunos preferem professores mais flexíveis que buscam da melhor maneira explicar o assunto trazendo para a realidade cotidiana do dia a dia e da vivência em sala de aula. Na comparação geral das alternativas do gráfico, os alunos preferem os professores que contextualizam o assunto com uma linguagem de fácil entendimento.

A aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores etc.; a partir de seu contato com a realidade, com o meio social em que ele está inserido. O processo da aprendizagem está ligado a diversos fatores, que podem ajudar ou dificultar o processo de aprendizado. Para Ferreira (2010) a ação da aprendizagem é vivenciada, registrada, guardada e memorizada pelo corpo. É com esta memória corporal que se torna possível continuar aprendendo. Novas aprendizagens vão sendo conquistadas e memorizadas pelo corpo através dos sentidos, percepções e relações que se estabelecem à todo o tempo, e que vão se integrando, interagindo com as aprendizagens anteriores e criando

novos modelos de aprendizagens, construindo o conhecimento. Destarte, afetividade contribui de forma primordial na construção do conhecimento, desta maneira, o processo da aprendizagem também recebe fortes influências das emoções afetivas.

Quanto à aprendizagem, ela está intimamente ligada ao movimento: para a criança, mover-se é pensar. O aprender somente ocorre por meio de um corpo dotado de propósitos, aptidões físicas, intelectuais e afetivas, que está inserido num meio social que lhe proporcione os estímulos e os conteúdos com os quais interagirá e, dessa forma, o sujeito apreenderá novos instrumentos e novas linguagens, transformando a realidade e adquirindo aptidões para lidar consigo mesmo e com o mundo (Ferreira, 2010, p. 55).

Becker (2003), afetividade dirige-se primeiramente para um conteúdo e para uma estrutura, além disso, para o sujeito sentir necessidade ou atração afetiva por um conteúdo, ele precisa de estruturas prévias capazes de dar conta desse conteúdo.

O gatinho de uma ação é a efetividade. Acontece que a afetividade dirige-se primeiramente para um conteúdo e não para uma estrutura. Além disso, para o sujeito dirigir-se – sentir necessidade ou atração afetiva – a um conteúdo, ele precisa de estruturas prévias capazes de dar conta desse conteúdo. Não há sentimento, atração afetiva, interesse ou motivação para um conteúdo qualquer se não ouve estrutura de assimilação, previamente construída, que dê conta desse conteúdo. (BECKER, 2003, p. 20).

Na visão de Becker (2003), os conteúdos devem estar a serviço do aumento da capacidade de aprendizagem. As estruturas permanecem ou são substituídas por outras mais capazes, por isso o ensino deve organizar-se primeiramente no sentido do conhecimento-estrutura, e só secundariamente no sentido do conhecimento-conteúdo. Pode-se então afirmar a luz dos teóricos, que a afetividade é uma estrutura fundamental no desenvolvimento do conhecimento, pois toda a produção de pensamento recebe impulso afetivos, que fornece condições estruturais para novas aprendizagens. Assim compreende-se que é imprescindível dissociar afetividade da aprendizagem, pois a afetividade é o pivô que permite ao sujeito realizar novas aprendizagens. Nessa premissa a escola precisa valorizar as relações afetivas, e assim direciona-la da forma correta para que o sujeito sinta prazer em aprender.

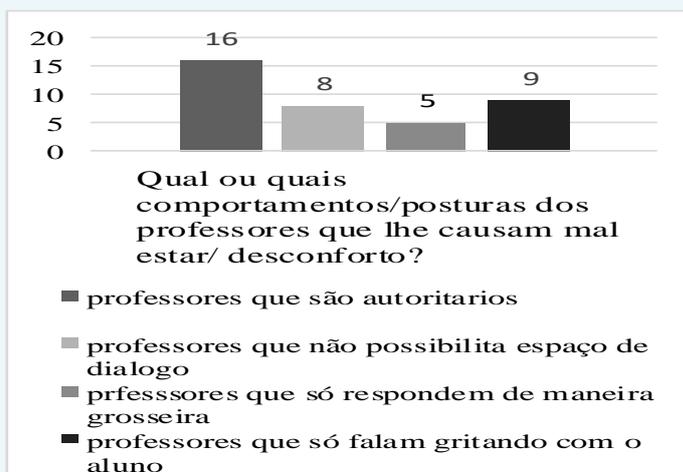


Gráfico: 03

Na amostragem acima, a coluna 01 foi a que mais representou as inquietações dos alunos no que diz respeito a postura do professor. Nessa premissa o tipo de postura que mais causa mal-estar nos alunos por parte dos professores, são docentes com ações muito autoritárias em sala de aula, logo seguidamente da coluna 04, sendo destaca ações de professores que só falam gritando. Seguindo a abordagem do gráfico, temos também a coluna 02, que se refere ao professores que não aceitam ou permitem um espaço de diálogo com os alunos. Por fim temos a coluna 03, que em que mostra ações de professores que respondem os alunos de forma grosseira.

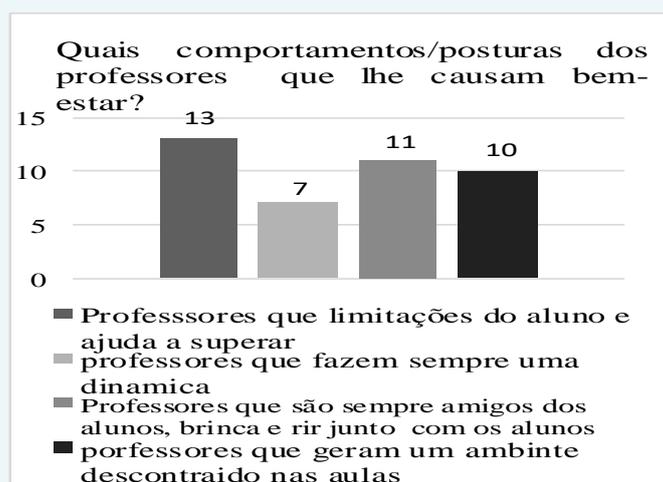


Gráfico: 04

Ao observar os resultados apresentados no gráfico, percebe-se que houve poucas diferenças nos resultados obtidos. A coluna 01, foi a que obteve mais escolhas pelos estudantes, sendo acompanhada com pouca diferença das colunas 03 e 04. Na amostragem

geral, percebe-se que as atitudes por parte dos professores que mais causam bem-estar nos alunos, são os professores que compreendem as dificuldades destes, e os ajudam a superar suas dificuldades, seguida da coluna 03, professores que são amigo dos alunos que rir junto com eles, e por fim os professores que sempre realizam dinâmicas com a turma.

Nesse último percurso das análises gráficas, de início realizou-se a descrição dos resultados, para à partir das descrições, realizar uma discussão paralela entre os gráficos 03 e 04, levando em conta posturas e condutas dos professores que acabam gerando situações de bem-estar, como também de mau-estar, segundo os estudantes.

Como seres humanos dotados de capacidades, somos formados por composições biológicas e emocionais, que norteiam as interações nas relações sociais, recebendo fortes influências das emoções e afetividade. Nesse sentido, à prática educativa e pedagógica está entrelaçada de manifestações de emoções afetivas, que na interação professor e aluno vai interferir de forma crucial na aquisição do conhecimento e no processo do ensino-aprendizagem. Para Guedes (2012) O papel do educador não se resume em si mesmo, em apenas passar conteúdos programáticos com a finalidade, de meramente formar seres para o mundo do trabalho. O seu compromisso é de desenvolver uma pedagogia que esteja voltada a formação ética e cidadania. Nesse sentido “a interação entre o educando e o educador deve ir muito além das paredes da instituição de ensino; tem que abranger todos os aspectos humanos”. (GUEDES, 2012, p. 72).

Através das metodologias, gestos, comportamentos e ações, o educando vai produzindo segundo a sua ótica uma imagem ou figura representativa do professor. Neste sentido as interpretações simbólicas afetivas, por outro lado pode manifestar situações complexas, ou seja cargas afetivas com características negativas, o que pode gerar muitas frustrações afetivas ou ocasionar, a criação muitas vezes de uma barreira afetiva e psicológica no sujeito que está inserido no processo ensino-aprendizagem. Nessa premissa Andrade (2014) afirma que, o professor que tem como prática à realização de discursos com palavras muito duras, autoritárias e agressivas com as alunos, não receberá por parte destes, nenhum esforço e empenho para tornarem os momentos das aulas mais dialógicas, o que resultará como consequência maiores dificuldades em cumprir as suas atribuições como educador.

A escola enquanto espaço de socialização e formação social dos sujeitos, ainda nos tempos atuais, mante-se reprodutora de métodos de ensino tradicionais técnico e meritórios, fundamentado num sistema de reprodução de conteúdos muitas vezes descontextualizados da vida cotidiana os educando, conservando posturas de autoritarismo e subjugação, dos alunos

aos professores, esquecendo-se de lado as questões afetivas. Neste sentido Mizukami (1986) Sabe-se que a educação tradicional, se fundamenta nos métodos de reprodução de conteúdo prontos, onde os que executam tais reproduções de meras informações, são tidos como “bons alunos”, e os que não apresentam tais resultados são considerados como desinteressados, preguiçosos, tidos como “burros” ou incapazes por não terem alcançado os objetivos propostos. O professor que apresenta uma postura rígida autoritarista, não permitindo um espaço de diálogo entre ele e o aluno, que concebe a figura do professor na “condição de detentor do saber”, essas relações dos professores e alunos ficará prejudicada, pelo fato do educando se fechar em seus sentimentos e questionamentos, não se permitindo avançar por conta de uma barreira que possa existir entre ele e professor, com o receio de receber uma contrapartida negativa por parte deste.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p. 26)

Para Freire, o ato de educar é antes de tudo um ato político, que deve ser fundamentado numa pedagogia da criticidade, onde a figura do professor não é interpretada como sendo o ser detentor do saber, mas um mediador consciente de seu papel, que é formar no educando uma autonomia, valorizando o saberes prévios que ele carrega consigo, o que resultará na sua leitura de mundo e sociedade. “Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 13).

Segundo Andrade (2014) o professor precisa ser um modelo de boa educação, ética e cidadania, nessa perspectiva, os estudantes em processo de formação passam a interpretar os acontecimentos baseados na figura do professor. Nesse compromisso de ensinar para a vida, o educador consegue atingir estágios afetivos, que levam os alunos a pensarem e refletirem sobre as suas ações e comportamentos. As boas ações como a cordialidade, a gentileza, a ética etc.; geradas pelos professores em certa medida servirá de inspiração para novas práticas que favoreçam um ambiente agradável e cordial, onde professor e alunos compartilham suas experiências e vivências, levando em consideração os aspectos, sociais, culturais e afetivos.

Chegou a hora de pensar e olhar com afeto para o processo educacional e principalmente para quem nele está inserido, necessitando ser orientado com segurança e responsabilidade para enfrentar os desafios dos tempos modernos. (ANDRADE, 2014, p. 9).

Nessa premissa Andrade (2014) afirma que o professor precisa repensar sua prática educacional e metodológica, que seja capaz de dialogar com essa nova geração, que apresenta-se “rebelde” e sem limites, que ao mesmo tempo são pessoas carentes de afeto. Para tal, a escola precisa ser um espaço democrático que dialogue com as diferentes culturas e contextos gerando liberdade de expressar seus talentos e sentimentos, combatendo toda forma de desigualdade e preconceito, resultando a valorização do ser humano presando pela ética.

Considerações finais

A prática docente direta ou indiretamente perpassa pela área da afetividade. A relação do professor aluno, não se configura simplesmente numa prática de quem ensina e quem receber o que foi ensinado. Nessa premissa os entrelaçamentos afetivos desencadeia um espaço de companheirismo, compreensão, fraternidade e amizade. Essas interações proporcionará mais segurança e liberdade para o aluno ver o seu professor, como um amigo que está disposto a ajuda-lo no seu processo de aquisição do conhecimento, onde através dessa afetividade positiva que pode ter uma base fundamentada na ludicidade, irá ajudar o aluno a desenvolver suas estruturas cognitivas, tendo mais facilidade para apropriação e abstração do conhecimento. Assim o ato de aprender não vai se resumir simplesmente em erros e acertos, pois o educando até nos erros verá o professor como um auxiliador para lhe ajudar nesse processo do aprender.

Ao analisar os resultados alcançados na pesquisa e as discussões teóricas apresentadas pelos autores, chegou-se a conclusão que a pesquisa correspondeu às expectativas. A hipótese que chegou-se ao fim deste trabalho, é que a afetividade de fato exerce uma influência grande na aprendizagem, pelo fato desta ser norteadada e fundamentada na afetividade como afirma Becker (2003), que não existe aprendizagem sem a afetividade, pois para que esta aconteça é necessário a ação da afetividade que segundo o autor é o gatilho da aprendizagem, acontecendo à priori as cargas afetivas para à posteriori a ação de aprender.

Os resultados das resposta dos alunos mostraram que acontece uma boa relação afetiva com seus professores. No caráter metodológico a pesquisa mostrou que há uma rejeição da maioria da turma com relação a algumas práticas metodológicas por parte de alguns

professores, o que tornasse necessário uma reflexão por parte dos docentes, sobre as ações metodológicas.

Assim conclui-se que à pesquisa apresenta relevância, chegando ao seu término afirmando a visão defendida pelos autores a priori sobre a importância e as contribuições da afetividade no processo do ensino-aprendizagem. Contudo, sabe-se que ainda há muito o que ser mudado no fazer da educação brasileira e que a valorização da afetividade é de suma importância para uma prática educativa que valorize a singularidade, a subjetividade do sujeito que é ao mesmo tempo racional, intelectual, cognitivo e afetivo, dotado de sensações e sentimentos que norteiam sua vida e sua aprendizagem.

Referências

ANDRADE, Fabiana. **A pedagogia do afeto na sala de aula**. 2ª. ed. Recife: Prazer de ler, 2014.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Artmed, 2003.

_____. **Aprendizagem – concepções contraditórias**. Schème Revista eletrônica de psicologia e epistemologia genéticas. Vol. nº 1. Jan/Jun, 2008. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/ojs-2.4.5/index.php/scheme/article/view/552/445>>. Acesso em: 25 maio. 2016.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa: monográfica, dissertação, tese**. 1ª. ed. São Paulo: Altas, 2011.

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto; SILVEIRA, Denise Tolfo. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. 1º. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

DAVIS, Claudia. OLIVEIRA, Zilma De M. Ramos de. **Psicologia na educação**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRA, Maria Elisa Mattos Pires. **O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget**. Ciências & Cognição 2010; Vol 15 p. 47-61. Disponível em:

<<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/424>> Acesso em: 21 março.2019.

FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. In:_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996. p. 12-20.

GUEDES, Paulo. Educação Cristã. In:_____. **A Ética Cristã e sua contribuição na transformação da sociedade**. Rio de Janeiro: Clube dos Autores, 2012. p. 56-74.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: CASTRO, Paula Almeida de; MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de (Orgs.). **Etnografia e Educação**. Campina Grande: eduepd, 2011. p. 49-72.

MISUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Abordagem tradicional. In:_____. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: Epu, 1986. p. 7-18.

PIAGET, J. Development and learning. In: LAVATELLY, C. S. e STENDLER, F. **Reading inchild behavior and development**. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972a. (Tradução em:<http://www.ufrgs.br/faced/slomp/edu01136/piaget-d.htm>).